



CINEMA PARADISO

Boletim n. 285

São Paulo, 02 de março de 2011

Próxima reunião: 13/03/2011 - DOMINGO às 16:00 h



Lixo Extraordinário

Diretores: João Jardim (*)
Lucy Walker
Karen Harley

Trabalho Interno (Inside Job)

Diretor: Charles Ferguson(**)



(*) **João Jardim** nasceu no Rio de Janeiro, em 1964. Na TV, dirigiu *Engraçadinha* e editou *Memorial de Maria Moura* e *Agosto*. Dirigiu quatro episódios da série *Por Toda a Minha Vida*. No cinema, co-dirigiu com Walter Carvalho *Janela da Alma* (2002) e *Pro Dia Nascer Feliz* (2005).

Lucy Walker nasceu em Londres, em 1980. Fez videoclipes, curtas-metragens, televisão infantil, e *Devil's Playground* (2002).

Karen Harley, nasceu em Recife, Pernambuco. É montadora de cinema e TV.

(**) **Charles Ferguson** nasceu em San Francisco, Califórnia, EUA em 1955. Seu 1º longa-metragem, *No End in Sight* (2001), ganhou o prêmio especial do júri no Festival de Sundance e o foi indicado ao Oscar de Melhor Documentário, prêmio que acaba de ganhar com *Inside Job*.

PRAZER E DOR

De vez em quando, nas discussões de nosso grupo de cinema, surge a questão da falta de perspectiva positiva em determinados filmes, como um incômodo para algumas pessoas.

Acho que não é papel do cineasta solucionar dificuldades/problemas ou salvar o mundo. Cabe a ele retratar a vida: cada filme é uma fatia maior ou menos dessa vida, simples ou enriquecida conforme o objetivo do diretor. Um bom filme, para ser bom, não precisa apontar saídas felizes, punir os culpados, fazer justiça, enaltecer os valores morais ou mostrar qualquer réstia de esperança. Isso até pode ocorrer, desde que caiba na "fatia". Evidentemente não tenho nada contra os bons filmes que só divertem ou que contam histórias edificantes, com resultados positivos. Mas se o filme foi feito para revelar situações em que a crueldade humana é assustadora, onde a esperança se perdeu, onde a dor é uma constante, não vejo porque o diretor tenha que "colorir" o cinzento daquele pedaço de mundo, só para deixar o espectador mais confortável. Quem disse que o cineasta tem obrigação de aplacar nossa angústia? Não é função do cinema (como da arte em geral) salvar o mundo, nem mesmo ser politicamente correto. Basta retratá-lo cruel ou poeticamente, sem jamais garantir boas soluções.

Às vezes o filme é denso, pesado ou violento o que muitas vezes nos incomoda. Embora isso pese, creio que a avaliação da qualidade de um filme não se reduz ao mal-estar ou bem-estar que ele provoca no espectador. Tem filmes como *Beautiful*, de Alejandro González Iñárritu, onde aquelas pessoas lutam para sobreviver em circunstâncias tão adversas, seria fantasioso, naquele contexto, mostrar soluções mágicas para a miséria humana. Ali não há espaço sequer para sonhos...

Convém lembrar que as situações mostradas num filme transcorrem num determinado período de tempo. Depois que o filme acaba, é imprevisível saber o que vai acontecer e o rumo que as personagens tomarão. Tanto o final que não mostra saída como o que termina esperançoso ficariam à mercê das circunstâncias posteriores, podendo tanto melhorar os prejuízos do filme pessimista, quanto estragar a chance de felicidade do outro. Seria uma pretensão onipotente do diretor dar garantias de que a vida não apresentaria qualquer saída ou de que tudo continuaria bem para o outro final.

Nada fica congelado na vida porque ela é dinâmica, o tempo não pára e as circunstâncias que nos rodeiam variam.

Acho que essa cobrança de final feliz se deve ao fato de que nossa relação com o mundo hoje é hedonista, onde temos obrigação de estarmos sempre bem, alegres, esperançosos, confiantes, bem sucedidos e, se possível, permanentemente jovens. É esta a proposta do mundo contemporâneo. Ninguém deve sofrer dores de qualquer natureza, pois a indústria farmacêutica está aí para impedir. Não se pode ter tristeza, insegurança, medo, sofrer por amor, para não ofuscar essa obrigação de ser feliz. Não é à toa que a literatura de auto-ajuda nunca foi tão prolifera como agora. Ora, como na verdade ninguém pode viver eternamente em estado de negação, com óculos cor de rosa, os resvalos da realidade interna e externa nos forçam a



entrar em contato com as vicissitudes que o ato de viver nos impõe. Talvez, por isso, a depressão seja tão freqüente atualmente, entre outras coisas por conta dessa impossibilidade humana de apenas desfrutar de coisas boas ou de ser sempre capaz de passar rasteiras nas desgraças. Assim, como não podemos cumprir esse imperativo de felicidade permanente, sentimo-nos fracassados ou incapazes, como a criança que não consegue

corresponder à alta expectativa de pais exigentes.

Nós e a natureza não somos peças de uma engrenagem que seguem um plano sobrenatural, mas somos seres que lutam por sua sobrevivência, em meio a imprevistos, obstáculos e frustrações, o que não significa que não tenhamos nosso quinhão de realização pessoal, profissional, de alegrias, a troca de afeto.

Não é crime querer ser feliz, só que não dá para ser feliz o tempo todo, ou nem sempre tudo se resolve satisfatoriamente como a gente gostaria. É difícil aceitar isso porque é da natureza humana buscar o prazer e fugir da dor. A gente reluta aceitar que no mesmo pacote da parte prazerosa venham juntos desapontamentos, tristezas, doenças, ausência de beleza, abandono... O que não é natural é que para tanta gente o pacote seja quase todo de dificuldades, principalmente quando ele é acentuado pelas desigualdades sociais, pela ganância dos poderosos, pela pobreza que impossibilita qualquer acesso a recursos de sobrevivência...

Rianete Lopes Botelho

MÓDULO II DO CURSO HISTÓRIA DO CINEMA

Cláudia Mogadouro ministrará mais um módulo do **Curso História do Cinema no Século XX**, na Casa Guilherme de Almeida, situada no bairro do Sumaré. A casa, que abrigava a residência do poeta, foi reaberta em dezembro de 2010, após uma reforma. Hoje é um espaço cultural muito agradável, administrado pela Secretaria da Cultura e Instituto Poesis. Há exposição permanente de obras de grandes artistas, especialmente modernistas, além de hemeroteca e biblioteca.

O Curso de História do Cinema não exige que a pessoa tenha qualquer formação no assunto. São aulas expositivas, com exibição de trechos de filmes. Nesse Módulo II do curso serão 4 aulas, sempre às sextas-feiras, das 19h30 às 21h30.

1ª aula: 11/03 – Cinema Noir, 2ª aula: 18/03: Surrealismo e Impressionismo Francês; 3ª e 4ª aulas: 1º e 8/04: Neo-Realismo Italiano.

20 vagas – Custo total do curso: R\$ 10,00

Local: Rua Macapá, 187 – Sumaré (SP) – Tel.: (11) 3673.1883 – (próximo ao metrô Sumaré, travessa da Rua Cardoso de Almeida)

<http://www.casaguilhermedealmeida.org.br>

PANORAMA DO CINEMA JAPONÊS



Curso dividido em 3 módulos, com base na análise das obras de alguns de seus principais diretores. Todas as aulas terão um filme base e uma análise da carreira do diretor focado, com trechos de alguns de seus filmes mais importantes.

MÓDULO 1 – OS MESTRES:

de 07 a 28/04, os diretores: Kenji Mizoguchi, Akira Kurosawa, Mikio Naruse e Yasujiro Ozu

MÓDULO 2 - A NOUVELLE VAGUE JAPONESA : de 05 a 26/05, os diretores Nagisa Oshima, Shohei Imamura, Seijun Suzuki e Hiroshi Teshigahara

MÓDULO 3 - O CINEMA JAPONÊS NOS ÚLTIMOS 20 ANOS: de 02/06 a 23/06, os diretores Takeshi Kitano, Kiyoshi Kurosawa, Hirokazu Kore-eda e Takashi Miike

O curso tem um total de doze aulas, de três horas e meia cada. Toda quinta-feira a partir de abril, às 19:30.

Professor: Sérgio Alpendre é crítico de cinema e jornalista. Escreve para a *Folha de SP* (*guia de livros, discos, filmes*), Portal UOL e outros veículos.

QUANTO: R\$ 400,00 (com desconto especial para quem já tiver feito o mesmo curso no passado).- ou R\$ 350,00 para pagamento antecipado (até 30 dias antes do início das aulas) Ou R\$ 180,00 por cada módulo (valor antecipado: R\$ 150,00)

* mínimo de 10 alunos, máximo de 30 alunos.

ONDE: Rua Aureliano Coutinho, 278 - conj. 32 - Higienópolis - São Paulo - Fone: 3825-8141 / 7414-3534

email: sealpendre@gmail.com

Mais informações visite o site:

<http://panoramadocinemajapones.blogspot.com/2011/02/nova-temporada-do-curso-panorama-do.html>

UNIVERCINE - ENCONTRO COM SUZANA AMARAL

26 de março de 2011

Para celebrar o Dia Internacional da Mulher, a Cinemateca Brasileira, a UNIFESP e a FAP – Fundação de Apoio à UNIFESP exhibe, em sessão especial, a cópia restaurada do clássico **A Hora da Estrela** (1985), de Suzana Amaral. Após a sessão, o público poderá conversar com a cineasta.

Local: CINEMATECA BRASILEIRA – Entrada Franca
Largo Senador Raul Cardoso, 207

próximo ao Metrô Vila Mariana - Outras informações: (11) 3512-6111 (ramal 215)

Dica do Leitor: **O DISCURSO DO REI**

Tarde chuvosa deste fevereiro de 2011. Saio do cinema muito feliz! Acabara de assistir a **O Discurso do Rei!** Filme bem dirigido por Tom Hooper, bem tratado, um filme correto! Acima de tudo, um filme de atores, de bons atores, vivendo personagens que, na vida real devem ter sido formais, insípidos.

Colin Firth (exemplar, como sempre), no papel do Duque de York, depois rei; Helena B. Carter como sua esposa, ótima e Geoffrey Rush como o fabuloso terapeuta da fala.

Os cenários, figurino, direção de arte, tudo impecável, merecedores de grandes prêmios.

Sou suspeita para falar de Colin Firth porque há alguns anos, ele é meu ator predileto. No ano passado foi o brilhante professor de **O Direito de Amar**, foi o discreto Vermeer de **Moça com Brinco de Pérola**. Mesmo em filmes mais modestos como: **Simplesmente Amor**, **Mamma Mia** e a série **Bridget Jones**, ele dá o seu recado.

Como vocês veem, meus amigos, recomendo **O Discurso do Rei**. VIVA O REI!

Maria Elza

Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma

e-mail: janetepalma@gmail.com

<http://www.grupocinemaparadiso.com.br>

COTAÇÃO 2011

<i>Tetro</i>	9,57
<i>Biutiful</i>	8,85
<i>O Concerto</i>	8,63
<i>Cisne Negro</i>	6,60